

Ocupação Funarte

O tiro no pé do governo golpista

Michel de P. Soares e Paola Lappicy



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3147>

DOI: 10.4000/pontourbe.3147

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Michel de P. Soares e Paola Lappicy, « Ocupação Funarte », *Ponto Urbe* [Online], 18 | 2016, posto online no dia 31 julho 2016, consultado o 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3147> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3147

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© NAU

Ocupação Funarte

O tiro no pé do governo golpista

Michel de P. Soares and Paola Lappicy

Introdução

- 1 Os profissionais da área artística, de maneira geral, sentiram-se ultrajados com a extinção do MinC (Ministério da Cultura), uma das primeiras ações do presidente em exercício Michel Temer, assim que assumiu o poder. Em sua reforma ministerial, o “presidente” reduziu de 32 para 23 o número de ministérios, anexando o Ministério da Cultura ao Ministério da Educação. O MinC foi criado em 1985, durante o período de redemocratização após 21 anos de ditadura militar. Foi comandado por Gilberto Gil de 2003 a 2008, período de grande visibilidade do ministério, tanto pelo reconhecimento nacional de Gil como artista como por suas diversas ações à frente da pasta. A recente extinção do órgão gerou reações em todo o território nacional. Coletivos artísticos, grupos teatrais, bandas e artistas renomados têm se mobilizado de diferentes formas reivindicando a volta do MinC. Uma das ações coletivas com maior visibilidade foi a ocupação da Funarte (Fundação Nacional das Artes, órgão responsável pelo desenvolvimento de políticas públicas de fomento às artes, subordinado ao MinC) em diversas capitais. Em São Paulo, o início da ocupação aconteceu no dia 17 de maio, organizada por artistas e membros de diversos movimentos culturais. Tal mobilização ganhou repercussão na imprensa, inclusive internacional, causando o recuo do governo com relação à extinção do órgão, o que não gerou, por outro lado, a desocupação dos equipamentos. Um tiro no pé do governo golpista?
- 2 Com o golpe parlamentar (ou qualquer outro nome que caiba) em curso, visitamos a Funarte Ocupada em três diferentes ocasiões, participando de assembleias, rodas de conversa e espetáculos organizados pelos próprios ocupantes, na intenção de perceber como os coletivos, artistas, públicos e/ou outras pessoas envolvidas vivem e percebem a atual conjuntura política.

Sexta, 27 de maio de 2016¹

Chego à Funarte por volta de 16 horas, entro pelo portão de entrada, e os dois meninos que estão na segurança da Ocupação me dão um abraço e me dizem: bem-vinda. Passo por uma mesa na entrada de identificação, dou meu nome e e-mail. Pergunto para o rapaz que está na mesa se esse espaço de identificação é para terem noção do número de transeuntes pela Ocupação ou se é uma medida de controle, e ele me diz que é principalmente de controle. Afirma que não há proibição de qualquer pessoa entrar na ocupação, mas que, por exemplo, se a mídia convencional quiser entrar, eles não podem fazer registros fotográficos, e seriam acompanhados por algum ocupante dali. Passo pela área externa, e está havendo uma *jam session*. No meio de notas rompantes, um trompete rasga o começo da tarde com algumas notas de improviso e outros clássicos do jazz.

Converso com um rapaz da liga do Funk e ele me diz que é gostoso acordar com aquele som todos os dias. Conta que “tá tendo essa jam desde segunda e que não conhecia muito de jazz”, mas está curtindo. O jazz é para todos?

Na sala Guiomar Novaes, a Liga do Funk está ensaiando. Escuto MC Cacau Rocha cantando sobre o empoderamento das mulheres, falando que a mulher tem liberdade para transar com quem quiser. É o “funk das minas do grelo duro”, ela diz. A Liga é um projeto que consiste em atividades que usam o funk como instrumento de inclusão social, buscando quebrar o estigma do machismo. Promove formação para MCs e debates com temas das mulheres, LGBTQs, cultura periférica e outros. Assistindo o ensaio, diversas pessoas dançam e aplaudem. O funk é para todos?

- 3 Passo pelo hall central e vejo que na galeria ao lado está sendo montada uma exposição. Os projetos correntes da Funarte SP não pararam com a Ocupação, e esta exposição já iria ocorrer no espaço. Ela é realizada por um projeto de residência artística, e se chama “Arte Educação: Tradição e ruptura”. Converso com uma das pessoas que estão montando e ele me diz que é um projeto que traz crianças de escolas públicas para participar no espaço da Funarte de projetos de formação artística em diversas áreas como fotografia, mosaico e performance. Escuto nos corredores conversas sobre a cultura do estupro.
- 4 Fui para a Funarte, também, no intuito de ajudar na gravação de um vídeo que três amigas minhas idealizaram contra a cultura do estupro. Um vídeo circulou nessa semana nas redes sociais em que uma menina de 16 anos aparece desacordada após sofrer estupro coletivo por 33 homens causando, obviamente, indignação nacional e internacionalmente. Chegando na sala Arquimedes, encontrei-as. O vídeo quer apresentar várias mulheres declamando uma poesia de Mel Duarte, poetisa negra de São Paulo, contra a cultura do estupro. Na sala, cerca de 30 mulheres, na maioria negras. Brancas, apenas eu e mais três mulheres. Como o processo de vídeo é demorado, fui circular um pouco mais pela Funarte.
- 5 Voltando ao hall central, vejo que está acontecendo o Fórum Cultural Permanente – Território Livre. Sento para escutar algumas opiniões. O jornalista e ator Paulo Antunes diz que achou a Ocupação linda. Viu diferença, viu vida na ocupação. Acrescenta: “Ter divergência de pensamento é bonito também, diferenças se multiplicando – é material rico de pluralidade. Tem aqui secundaristas, junto com artistas, com comunistas – isso é rico.” Camila Ribeiro também se posiciona: “Como é maravilhoso ter essa diversidade de pessoas pensando soluções para ter alternativas para tudo isso que está colocado.”

- 6 Peter Pál Pelbart, filósofo e professor da PUC/SP, fala sobre os secundaristas, que entenderam que as escolas não servem para aprender nada. Argumenta: “As ocupações serviram para as descartarem do sistema, já que as universidades são destinadas a uma elite restrita. Quando reviram sua função dizendo “não seremos descartados”, tudo sofre uma reviravolta.”
- 7 Há algumas falas em relação ao poder da intervenção artística, algumas outras que idealizam o artista, e muitas relativas à militância para além da arte. O debate parece ainda se estender muito, pois a discussão é longa, as colocações são muitas, as discordâncias também. Existe uma diversidade de pessoas, de fato, na Ocupação - jazzistas, funkeiros, produtores, técnicos, artistas plásticos, grafiteiros. Essa pluralidade, no entanto, implica em relação? Os ocupantes necessariamente se relacionam, em suas diversas atividades - mas como se dão essas relações?

Sábado, 28 de maio de 2016²

- 8 A ocupação Funarte está cheia de cartazes escritos “Fora Temer”, “É golpe”, e outros chamados contra o presidente interino e a atual conjuntura política. No vão central da Funarte, onde se dá a maioria das assembleias, está escrito num cartaz grande e central: “Contra o genocídio da juventude negra”. Nas conversas que ouço pelos corredores, se fala de afazeres e da programação artística. A Ocupação, em seu início, organizou diversos grupos de trabalho (GTs), tanto de manutenção do espaço quanto de ações artísticas e políticas contra o governo Temer. Desta forma, há no espaço os GTs de limpeza, segurança, comunicação, programação artística, logística, de teatro, música, técnica de equipamentos, dentre outros. Quase todos tentam se revezar nos de manutenção básica e constante, como segurança e limpeza, mas nem sempre esse revezamento acontece.
- 9 Ao perpassar o corredor principal, ouço algumas falas sobre o governo Temer e muitas conversas sobre o estupro que houve na semana. É sábado e haverá, hoje, a Caminhada das Mulheres Lésbicas e Bissexuais e muitas mulheres que ali estão se preparam para essa caminhada. Alguns cartazes em folhas A4 têm escrito: “Amar sem Temer”; outras mulheres preparam-se para fazer uma performance na caminhada chamada “Mulheres de Vermelho”. Essa performance, pensada por Cibele Forjaz, diretora de teatro, iluminadora e, sobretudo, ocupante da Funarte, propõe a várias mulheres vestidas de vermelho andarem num cordão silenciosas durante a caminhada e, em dado momento, uma delas tira a blusa e está cheia de hematomas e sangue e as outras, com panos e água, vão limpá-la e ajudá-la. No fim, algumas palavras seriam faladas contra a violência sexual. Conversei com uma das meninas que estavam nessa performance e ela me falou o quão absurdo é esse caso de estupro, em qualquer contexto, mas principalmente nesse contextual atual, com um governo em exercício, conservador, ilegítimo e de homens.
- 10 No dia anterior, sexta 27 de maio, estive na Funarte gravando um vídeo com algumas mulheres - um vídeo contra a violência sexual. Encontrei algumas dessas meninas ali e conversamos um pouco. Conversamos sobre a ocupação e algumas falaram sobre a falta de representatividade negra *a priori* na ocupação. E que, num momento como esse, num momento de golpe, as mulheres negras têm que se juntar pois elas são as primeiras a “se fuder”. Nesse momento, começa a surgir na Funarte a “Ocupação Preta”, que posteriormente passa a ser a parte majoritária da ocupação na Funarte, tanto em número de ocupantes quanto na programação artística. Algumas me falam que acreditam ser essa a questão mais importante da ocupação - transformar um espaço cultural elitista em um

espaço cultural para todos. A Funarte nunca teve um fluxo tão grande de pessoas e programação quanto na ocupação, e muita gente que não conseguiria apresentar naqueles espaços e palcos pode, durante essa ocupação, se apresentar. Pessoas que não eram conhecidas numa cena cultural elitista passam a ser vistas.

- 11 Mais tarde, às 21 horas, começou um debate que fazia parte do evento “Ocu Pah”, evento direcionado à temática LGBT. Dentre os debatedores, estavam Ezio Rosa, Catatau, Luisa Coppitiers, Rita Benedito e Jean Wyllis. Todos falaram contra o governo, por perspectivas diferentes, trazendo questões culturais, raciais, de gênero, de sexualidade, de classe e de estrutura. Na ocupação, a esquerda se une, em suas diferentes perspectivas e ideologias, mais próximas ou mais distantes do centro, contra uma direita reacionária, e discute formas de luta. Para que ocupar?
- 12 Após o debate, houve o show da MC Linn da Quebrada, na parte externa da Funarte. Suas músicas se posicionavam contra o machismo, o binarismo, a LGBTfobia e pelo empoderamento das travestis. Parece ser impossível separar arte de política num momento como esse. No público, muitas mulheres transexuais, travestis, homens trans, gays, lésbicas e bissexuais dançando intensamente, em meio a gritos de “Fora Temer” nos intervalos. Festa e protesto. Festa é protesto?

Domingo, 29 de maio de 2016³

- 13 A ocupação Funarte tem apresentado uma intensa programação diária, desde shows e oficinas de arte a aulas abertas e discussão de pautas específicas. Domingo aconteceu uma reunião de coletivos de Dub - vertente do reggae jamaicano muito praticado nas periferias de São Paulo - durante o dia todo no espaço externo do prédio da Funarte. De todos os dias em que estive na ocupação, esse foi claramente o mais movimentado em termos de público. Centenas de jovens acompanhando os diversos coletivos, os quais montaram todo o sistema de som com os próprios recursos e equipamentos. Maconha liberada, cerveja e bebida alcoólica menos. Havia gente bebendo, mas um ocupante responsável pela segurança estava na porta da Funarte e impedia qualquer pessoa de entrar com bebida. Assim, a tática era entrar com a cerveja na bolsa ou mochila, já que, uma vez lá dentro, aparentemente ninguém estava reprimindo. Entre as dezenas de coletivos - que são e se apresentam majoritariamente nas periferias da cidade - reconheço um grupo de amigos de um coletivo guarulhense, meus conterrâneos. Cumprimento e converso rapidamente com Jael, que anuncia sua expectativa ao ser perguntado sobre como era fazer uma festa na Funarte: “agora o pessoal de sampa vai saber que a gente existe”. Seu sorriso denuncia sua felicidade. Interessante e cabe a reflexão: ocupar uma região central e uma instituição federal com essa festa, independente da causa, é motivo de contentamento para os participantes. A ocupação tem permitido esse fato: a existência de grupos e práticas marginalizadas antes não contemplados com a utilização de equipamentos públicos centrais da cidade. Antes de resistir, creio que o momento seja de existir. Ocupar e existir.

Associações, (r)existências e a cidade artística

- 14 A partir do impeachment da presidenta Dilma e das ações do governo Temer - sobretudo a extinção do MinC -, é evidente que a classe artística, em sua maioria, se posicionou em diversos estados contra o governo Temer. Assim, por meio de ações, eventos e ocupações, os protestos passaram a ser dar em diversos formatos de discurso e ação. Ao perpassar a

nossa breve etnografia da Ocupação Funarte, fica evidente essa nova formação de grupo e subgrupos nesta ocupação.

- 15 Para Latour, não há grupos, mas apenas a formação deles (Latour, 2012). A crítica do autor é direcionada à tendência das ciências sociais em enquadrar atores sociais em grupos, em vez de perceber associações. Assim, ignoramos inúmeras formações de grupos, muitas vezes contraditórias. Para o autor, o delineamento de grupos é uma tarefa dos próprios atores, e mostra como estes pensam o contexto social. Assim, como pesquisadores, estamos sempre um passo atrás dos atores que estudamos. A Ocupação Funarte começou com a composição de diversos grupos de diferentes ordens - tanto políticas quanto artísticas. Desta forma, havia representantes de coletivos teatrais, partidos políticos, bandas, coletivos de militância, entre outros.
- 16 Para além dos grupos já pré-estabelecidos pelos atores, também pudemos acompanhar a formação de novos grupos, que muitas vezes eram contraditórios, e a constante redefinição destes próprios. Latour percebe que os grupos são feitos e refeitos constantemente - numa definição performativa. No início da ocupação, ainda que com grupos pré-estabelecidos pelos próprios atores, houve a organização dos grupos de trabalho. Entre esses, havia o grupo da logística, da segurança, da cozinha, da limpeza, da comunicação, da programação, além dos grupos artísticos e militantes, que pensariam formas de ações para a ocupação. Assim, se formavam novos grupos, tanto para a manutenção do espaço quanto para formas de ação. Cada um pôde se colocar em diferentes GTs a partir da sua experiência no mundo e possibilidades de ajudar no contexto.
- 17 É fundamental também pensar na formação de grupos a partir de identidades e exclusões. Surgiu, na Funarte, a Ocupação Preta, pois a programação, segundo este movimento, era branca e elitista, e por mais que houvesse um espaço para pessoas negras e para a arte negra, o movimento ainda percebia diversas formas de racismo, exclusão e falta de representatividade.
- 18 Havia também diferentes associações que se davam por identidades e exclusão - de gênero, sexualidade e ideologias. As mulheres se juntaram para discutir o machismo dentro da própria ocupação - e essa associação se tornou mais forte quando houve o estupro já citado na etnografia -, pessoas LGBT se juntavam para discutir a LGBTfobia, e pessoas de diferentes ideologias de esquerda se associavam e se aproximavam. Essas associações de grupos eram feitas e refeitas, de acordo com o contexto e muitas pessoas que talvez não se conhecessem se não fosse o contexto da Ocupação se juntaram em diferentes pautas. Desta forma, o caráter situacional desta ocupação fica em evidência.
- 19 Michel Agier (2011) defende que é inacessível descrever a cidade como um todo - é possível apenas observar situações. Desta forma, a etnografia toma espaço. Para o autor, não são os limites espaciais que definem a situação, mas os da interação. Evidentemente, a Funarte, neste contexto de ocupação, toma diferentes sentidos. Pessoas que não frequentavam a Funarte começam a frequentar a partir da ocupação, pessoas que não se apresentavam ali também começam a se apresentar, e o espaço passa a ser um espaço de militância para além das pautas da classe artística. Assim, a situação é definida pelas interações que se dão no espaço.
- 20 A diversidade e contradição das associações de indivíduos também pode ser pensada a partir de Gilberto Velho. Velho conceitua "cidade" como núcleo denso de indivíduos heterogêneos. A ocupação refletiria uma parte da cidade e, assim, podemos analisá-la

como tal. O autor, ao propor um estudo da cidade, aborda a complexidade que se dá no meio urbano - heterogeneidade dos indivíduos acentuada. Coexistem, na cidade, diversos grupos sociais, com estilos de vida e visões de mundo distintos. Não faz sentido pressupor noções e comportamentos compartilhados numa mesma sociedade, mas caberia ao antropólogo perguntar - como as experiências podem ser compartilhadas? Desta forma, o autor pensa a relação do indivíduo com a sociedade.

- 21 Podemos pensar nessas relações na ocupação - indivíduos diferentes se relacionam num mesmo propósito. Para Gilberto Velho, determinados papéis sociais implicam em circular por determinados grupos sociais com visões de mundo específicos. O autor afirma que essa circulação não é livre, mas está circunscrita às possibilidades colocadas pela trajetória do indivíduo. Há, assim, espaço para escolha individual, mas esta é limitada por seu meio social. Assim, o indivíduo transita por diversos códigos e estilos de vida, mas tem graus diferentes de familiaridade com eles. Em muitos momentos, Velho afirma que o indivíduo que lida bem com códigos distintos pode ser mediador entre diferentes mundos. Na Funarte, também pudemos perceber esses mediadores a partir de suas identidades. As pessoas, ao se associarem em diferentes grupos - seja GTs, ou grupos relacionados a identidades -, sempre podiam mediar entre um e outro.
- 22 Perlongher (1987), em sua etnografia acerca dos michês em São Paulo, deixa evidente também essa heterogeneidade que existe em grupos observados e como não podemos impor uma exigência quanto a uma homogeneidade. Para o autor, a noção de grupo perde a importância, no contexto urbano, e ganham espaços as pequenas redes relacionais. A pesquisa, portanto, é centrada no nível micro - as relações interpessoais vão constituir o espaço. A Funarte se faz como fluxo, múltiplo, durante essa ocupação.
- 23 Também acreditamos ser importante refletir sobre os significados que Gilberto Velho aborda sobre pesquisar em uma grande cidade e, sobretudo, no seu próprio espaço de convívio. Não há como imaginar imparcialidade - para Velho, a posição social dos pesquisadores na sociedade interfere no modo de perceber o social na cidade e na relação com os diversos grupos com os quais temos contato. Surge, então, a necessidade de estranhar o familiar. A relação do pesquisador com grupos de pesquisa é mais um exemplo de como se dão relações sociais nesse espaço. Nós nos percebemos enquanto pesquisadores e, também, enquanto artistas e, portanto, ao mesmo tempo que nos inserimos na Ocupação e nesses espaços facilmente, foi constante o exercício de distanciamento para etnografar esses espaços.
- 24 Ocupar é, ultimamente, resistir. Ocupar os espaços, ocupar a cidade, ocupar os palcos. A conjuntura política atual uniu diversos setores do meio artístico. Em meio à ocupação Funarte, seja num ensaio de funk, numa exposição artística, num debate, ou num evento de dub, o meio artístico parece estar atento à conjuntura política, aos meios de luta contra o governo interino, às discussões e à militância. Os processos artísticos, independentemente de seus temas, tomam proporções políticas. Existir toma dimensão política. Festa e protesto. Festa é protesto. Primeiramente, fora Temer. Segundamente, ocupar. Ultimamente, existir.

BIBLIOGRAPHY

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011

LATOUR, Bruno. *Reassembling the social: An introduction to Actor-Network Theory*. Oxford University Press, 2005.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

VELHO, Gilberto. *Um antropólogo na cidade*. Zahar, Rio de Janeiro, 2013.

NOTES

1. Relato de Paola Lappicy.
2. Relato de Paola Lappicy.
3. Relato de Michel de Paula Soares.

INDEX

Palavras-chave: arte, política, ocupação, São Paulo

AUTHORS

MICHEL DE P. SOARES

Mestrando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo

PAOLA LAPPICY

Mestranda em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo.